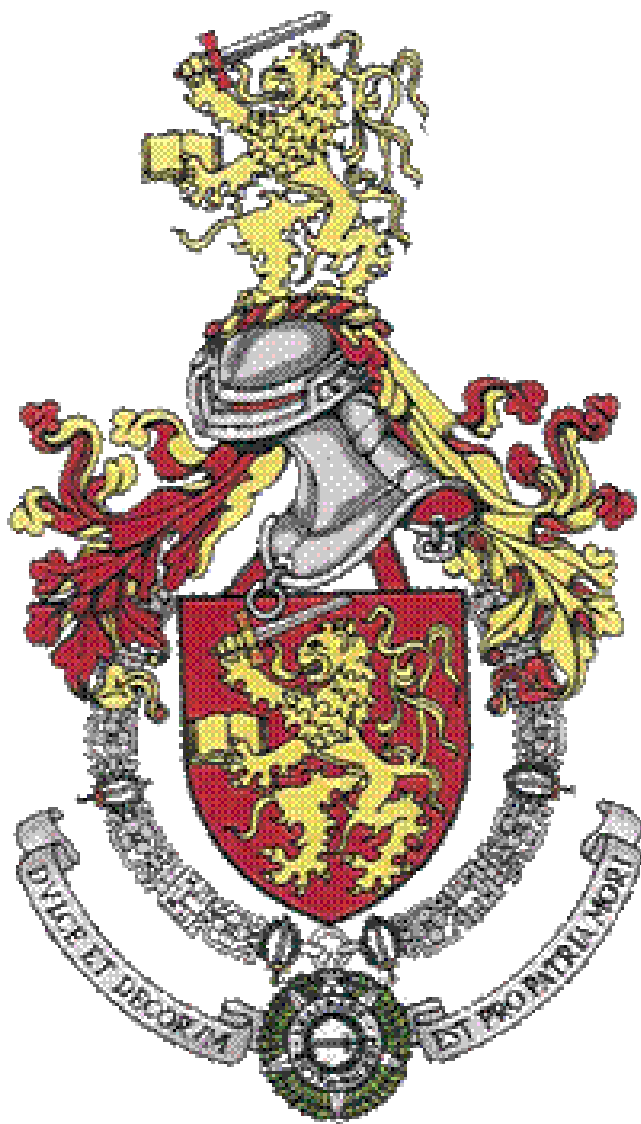


ACADEMIA MILITAR



CAPITÃO ANDRÉ FURTADO DE MENDONÇA

**PATRONO DOS CURSOS DE ENTRADA NA ACADEMIA MILITAR
ANO LECTIVO 2006/2007
DISCURSO**

Trabalho realizado pelo:
Major de Engenharia João Rei
Lisboa – 2006

CADETES DO 1º ANO DA ACADEMIA MILITAR:

O PATRONO DO CURSO DE ENTRADA NA ACADEMIA MILITAR NO ANO LECTIVO 2006/2007 – *CAPITÃO ANDRÉ FURTADO DE MENDONÇA* – É HOJE ALVITRADO POR TER SIDO UM DE VÁRIOS NOTÁVEIS PORTUGUESES DA NOSSA HISTÓRIA, DEVENDO POR ISSO PERMANECER NA NOSSA MEMÓRIA COLECTIVA.

COMEÇAREMOS POR DESCRIÇÃO BREVÍSSIMA DO AMBIENTE INTERNACIONAL E NACIONAL QUE SE VIVIA NA ÉPOCA PARA POSTERIORMENTE DESCREVERMOS SINTETICAMENTE A BIOGRAFIA DO CAPITÃO ANDRÉ FURTADO DE MENDONÇA:

A dimensão que a expansão portuguesa no Oriente atingiu nos Séc. XVI e XVII era insusceptível de se manter, porque Portugal era um pequeno país com uma reduzida população, cerca de 1,5 milhões de habitantes e, consequentemente, sem capacidade de suprir o desgaste em meios humanos que tal situação originava, mas principalmente porque, descobertas as rotas marítimas, outros competidores se lançaram nelas, principalmente Holandeses e Ingleses.

A derrota de Alcácer Quibir, em 4 de Agosto de 1578, onde morreu o rei D. Sebastião e grande parte da elite militar e da juventude do reino e o resgate dos cativos que empobreceu as famílias, acelerou o processo de declínio da presença portuguesa em tão extensas partes do continente asiático. A perda da Independência Nacional que se lhe seguiu, após a morte do último monarca da Casa de Aviz, o Cardeal D. Henrique em 1580 ou do fim do efémero reinado de dois meses de D. António Prior do Crato que, derrotado na batalha de Alcântara pelo exército castelhano foi obrigado a exilar-se, marca o início de um período difícil da nossa história na Ásia.

Ainda assim, o Estado da Índia ou Índia Portuguesa integrou o primeiro Império Colonial moderno, Império que, curiosamente foi, também, o último a desaparecer, não obstante as grandes dificuldades e provações que a nação portuguesa sofreu, desde que reconquistou a independência em 1640.

Pode, com orgulho, dizer-se que durante séculos a expansão territorial além-mar é bem o exemplo de, como um pequeno povo, com poucos recursos,

conseguiu opor-se e sobreviver aos choques com inimigos bem mais poderosos e levar a sua cultura, a sua língua e a sua religião aos confins do mundo.

A Índia representou, contudo, muito mais que um simples espaço geográfico de expansão territorial ou de comércio, ela moldou para sempre a identidade Portuguesa, os portugueses habituaram-se a que o mundo inteiro era a sua casa e a convivência multi-secular com outros povos, fê-los transmitir muitos dos nossos hábitos, costumes e religião; também ali deixámos muitas palavras da nossa língua materna e através do sangue, os nossos defeitos e virtudes mas, concomitantemente, incorporámos na nossa vida muitas das diversas culturas dos povos com quem convivemos.

A presença de Portugal na Ásia e na Índia, especialmente, no séc. XVI, representa, também, para a nação lusitana, uma das mais brilhantes escolas do pensamento e da acção, para além de uma escola de Vice-Reis e Governadores, em grande parte formados nas lutas no Norte de África, a Índia também consagrou navegadores.

Se, como ensina o Professor Veríssimo Serrão “as pequenas nações se nobilitam pelos feitos dos seus filhos mais ilustres” não duvido que foram os portugueses dos anos quinhentos que escreveram as mais brilhantes páginas da história da humanidade que Portugal legou ao mundo, páginas que consubstanciam a sua identidade como povo e como nação europeia, mas também, a sua vocação universal.

O capitão André Furtado de Mendonça nasceu em Lisboa, no ano de 1558, era filho de Afonso Furtado, comendador de Borba e Rio Maior, da Ordem de Avis, e de D. Joana Pereira.

Acompanhou El –Rei D. Sebastião na primeira jornada a África no Outono de 1574 quando tinha apenas dezasseis anos de idade.

Embarcou para a Índia na armada de cinco velas que em Março de 1576 partiu do Tejo, onde bem cedo se dedicou ao estudo das rotas, da meteorologia e oceanografia e da cartografia do Índico, assim como do armamento,

conhecimentos que lhe permitiriam obter vantagem em combate, quer no mar quer em terra.

Naquela época era difícil ser-se soldado e em particular, sê-lo na Índia. Somente alguns capitães conseguiam afastar do espírito a tentação de seguir o caminho fácil do enriquecimento e sucesso individual, sublimando, em si, os ideais de fidelidade à Pátria, ao Rei, a Deus e à Moral.

O seu feito conhecido, mais antigo, foi a tomada de uma galeota de corsários malabares no rio Carapatão, em 1581, quando era capitão de um navio de remos numa armada de sete navios, sob o comando de Matias de Albuquerque.

Em 1591 era já capitão-mor de uma armada encarregue de repor a soberania e o prestígio do reino em terras de Ceilão, missão que desempenhou com assinalável êxito tomando Colombo, ganhando prestígio e admiração entre os seus pares enquanto temido e amaldiçoado pelos corsários da costa Malabar. Entre estes era particularmente pernicioso à segurança das armadas e à soberania nacional um tal Mahomet Cunhale que se tornara independente do Samorim. Durante anos este Cunhale pôs em sobressalto as esquadras do reino ganhando autoridade sobre os reis locais e rejeitando submeter-se ao domínio português.

Nos últimos anos do século XVI a concorrência dos «Rebeldes Holandeses» no comércio português do oriente assumiu proporções cada vez mais graves e ameaçadoras. Por isso em 1598 El-Rei dava ordens terminantes ao Vice-Rei para se fazer em pessoa ao Arquipélago de Sunda com o objectivo duplo de castigar o sultão de Bantam e destruir as feitorias e naus holandesas, frisando que o «capitão-mor que houverdes de levar convosco na Armada em que fordes, hei por bem que seja André Furtado de Mendonça».

Na costa do Malabar um feito ilustre de André Furtado de Mendonça enobreceu no ano de 1600 as armas do conde da Vidigueira (D. ..., Vice-Rei da Índia entre ... e.... A prosperidade deslumbrara o pirata Cunhale, por largo período espanto daqueles mares. Supondo, que podia dispensar o favor do Samorim de Calecut, que protegera as estreias e progressos do seu poder,

principiou a ofende-lo e a menosprezá-lo. Ressentido o príncipe da ingratidão, e já assustado também com o incremento rápido do vassalo, decidiu cortar-lhe as asas para que, voando mais alto, não chegasse a molestá-lo. Chamou os portugueses e aliou-se a eles.³

Desejando o Vice-rei «guardar para si tal tarefa no que foi impedido pelo arcebispo e fidalgo do seu conselho tendo todos votado que se recorresse ao bem afortunado capitão André Furtado de Mendonça que foi então nomeado capitão-mor do Malabar e da «empresa Cunhale». Após prolongada perseguição, reconhecimento pormenorizado dos arraiais do corsário e adequado exame da comparação de forças, os nossos unidos com os anires romperam a guerra, os corsários resistiram como leões, e por último refugiaram-se na fortaleza quase inexpugnável, erguida sobre o rio Pudepatan, aonde, cercados e combatidos, lutaram com esforço. Por último Cunhale teve de render-se, e terminou no patíbulo os crimes de uma vida, em que a intrepidez e a crueldade se assinalaram em lances alternados. ³

O intrépido capitão partiu de Goa em Maio de 1601 comandando uma armada que em breve foi rudemente dizimada por forte temporal e que reduzida a seis galeões chegou à vista de Bantam em dia de Natal dando combate a cinco naus holandesas.

Entre 1601 e 1603 comandou a armada do Sul, que sacudiu os Holandeses de Sunda e Amboíno, expulsandos-os das Molucas, aonde começavam a introduzir-se e conteve Ternate. ^{1, 3}

Tomou depois Varanula e por último as ilhas de Leste do grupo onde os mouros tinham seu último refúgio que os portugueses não conseguiram dominar.

Ainda em 1603 foi-lhe dada a capitania de Malaca, onde deixou boa memória, tendo defendido a cidade e a fortaleza com grande «ânimo e indústria», como aconteceu em 1606 contra um cerco holandês: «venceu a fome, o sono, a quietação e o repouso, não descansando jamais nem tirando as armas do corpo por espaço de 3 meses e 19 dias que o cerco durou. ¹

Em 27 de Maio de 1609 é designado para governar a Índia enquanto não chega o novo Vice-rei, fazendo a sua entrada solene em Goa no dia do Espírito Santo.

Foi substituído pelo Vice-rei Rui Lourenço de Távora, e a 26 de Dezembro de 1609 embarcou para Lisboa, onde o Rei o mandara chamar.

Disse o seu sucessor na tomada de posse: “... melhor fora no estado actual um ano de André Furtado do que dez de outro qualquer governador ...”

François Pyrard, um conhecido viajante francês, escreveu a propósito do grande capitão: “...todos os reis da Índia folgaram muito de que ele fosse governador e lhe enviaram embaixadores e presentes. Aprestou muitas armadas e fortificou muitas fortalezas; em suma este fidalgo era amado de Deus, dos reis e do povo e semelhantemente dos capitães e soldados, mas não da nobreza, porque não era ladrão nem ambicioso, e não era afeiçoado a quem roubava el-rei... Em menos de três meses ... fez mais do que outros em muitos anos ...”.

Não chegou, no entanto a rever a sua terra natal pois morre em pleno alto-mar na latitude de 15° S, segundo o diário de bordo da nau «Nossa Senhora da Penha de França», onde havia embarcado.

Com ele se extingue o «último representante daqueles primeiros capitães que fundaram o Estado da Índia. – Fidalgos no orgulho e na vaidade «homens inteiramente devotados a uma causa nobre que dava sentido a uma vida e que embora “guerreadores” rudes, indomáveis, implacáveis, numa imensa exigência que começava por si próprios eram capazes de compreensão e dedicação aos seus homens tornando-se deles émulos, e que sendo modestos e acessíveis, apenas a honra e a dignidade tinham por riqueza», desbaratando o sangue e a vida com o mesmo desleixo com que desbaratavam o ouro e a pedraria».

CADETES-ALUNOS DO 1º ANO

POR TUDO O QUE ATRÁS FOI DESCRITO, TODOS E CADA UM DE VÓS, SEREIS DORAVANTE IDENTIFICADOS TAMBÉM PELO VOSSO PATRONO.

CADETES-ALUNOS DO CURSO *CAPITÃO ANDRÉ FURTADO DE MENDONÇA*

NUM MUNDO EM PROFUNDA E ACELERADA MUDANÇA, O SUCESSO DOS LÍDERES MILITARES NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO DO SÉCULO XXI EXIGIRÁ, SEM DÚVIDA ALGUMA, FORMAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA DE BASE QUALIFICADA. NO ENTANTO, SENDO CONDIÇÃO NECESSÁRIA, NÃO É CONDIÇÃO SUFICIENTE.

SERÃO QUALIDADES DE CARÁCTER, LEALDADE, AUTODISCIPLINA, VONTADE, INTELIGÊNCIA, INICIATIVA, CAPACIDADE DE JULGAMENTO, DECISÃO E CORAGEM, NO SEU CONJUNTO, QUE VOS TORNARÁ MAIS CAPAZES, NÃO SÓ COMO MILITARES, QUE ESTAIS A APRENDER A SER, MAS TAMBÉM COMO MULHERES E HOMENS.

O PATRONO DO VOSSO CURSO FOI UM EXEMPLO DE MUITAS DESSAS VIRTUDES E VALORES. SE O SEGUIRDES AS VOSSAS ACÇÕES DE COMANDO ESTARÃO MAIS PRÓXIMAS DO SUCESSO E A VOSSA LIDERANÇA, PORVENTURA, MAIS EFECTIVA.

ESTES ENSINAMENTOS SÃO PARTE DO LEGADO DO VOSSO PATRONO. QUE ELES CONTRIBUAM PARA A VOSSA FORMAÇÃO E SE PROJECTEM NO ARQUÉTIPO (SONHO)(EX-LÍBRIS) PELO QUAL O GRANDE CAPITÃO SEMPRE SE BATEU: PORTUGAL